

Bento Gonçalves, RS / Setembro, 2024

Panorama da vitivinicultura brasileira em 2022

José Fernando da Silva Protas, Joelsio José Lazzarotto e Carlos Alberto Ely Machado

Pesquisadores, Embrapa Uva e Vinho, Bento Gonçalves, RS.

Introdução

De modo semelhante a outros setores do agronegócio mundial, o setor vitivinícola tem se caracterizado pela crescente competição entre países e blocos econômicos, a qual tem sido marcada por um ambiente empresarial cada vez mais intenso, alicerçado em tecnologias de produção e gestão. Todavia, os produtos desse setor (vinhos, sucos, uvas de mesa e outros derivados da uva e do vinho) não são mercadorias comuns, não podem ser produzidos em qualquer lugar e sua viabilização depende de fatores bem mais complexos do que a simples minimização de custos de produção.

Com efeito, a localização dos territórios vitícolas, a princípio, deve estar sujeita às regras das vantagens comparativas que, por sua vez, devem estar associadas a elementos como cultura, tecnologia produtiva, tradição e experiência, que podem ser convertidos em vantagens competitivas (Figura 1). Dessa forma, para a vitivinicultura, nenhuma região pode ser simplesmente classificada como boa ou ruim, melhor ou pior, mas sim distinta, em função de suas potencialidades, cujo desempenho competitivo dependerá das percepções e competências de seus estrategistas, instituições, produtores e consumidores.

Competir mundialmente, ou mesmo localmente nesse setor, exige, além de atributos de qualidade e diferenciação, capacidade de coordenação



Foto: Fábio Ribeiro dos Santos

Figura 1. Sistema de condução para a produção de uvas vitiviníferas.

estratégica, atualização tecnológica e uma eficiente infraestrutura de suporte e apoio.

Partindo dessa contextualização inicial, foi elaborado este trabalho com o objetivo principal de, a partir de estatísticas setoriais, trazer um panorama

acerca da evolução recente e de características importantes que cercam a vitivinicultura brasileira, tendo como base o ano de 2022.

A realidade espacial da viticultura nacional

Segundo estimativas oficiais, a produção brasileira de uvas registrada nos últimos cinco anos gira ao redor de 1,5 milhão de toneladas por ano, obtida em uma área explorada em torno de 75 mil hectares de vinhedos (IBGE, 2023). Essa produção ocorre desde o extremo sul do país, em latitude de 31°S, até regiões situadas muito próximas à linha do equador, em latitude de 5°S.

Em termos estruturais, a atividade vitícola brasileira é bastante diversificada, sendo destinada para atender diversos segmentos de mercado. Nessa perspectiva, a Figura 2 resume as bases principais associadas com a produção vitivinícola nacional, que contempla desde produtos processados, como vinhos e sucos, até uvas para consumo in natura. Para viabilizar toda essa produção, explora-se uma ampla matriz de cultivares de videira. Na referida figura, são apresentados exemplos de cultivares de destaque em cada segmento. Apesar desses exemplos, cabe enfatizar que no Brasil são exploradas, de forma comercial, mais de 150 cultivares.

Devido à diversidade ambiental, existem no país polos vitícolas e vitivinícolas com distintas características. Há polos tipicamente de regiões temperadas, em que se incluem algumas regiões subtropicais, definidas por uma safra anual, seguida de um período de repouso hibernar; polos em parte das áreas subtropicais ou tropicais, onde a videira é cultivada com dois ciclos anuais, sendo um deles definido em função de um período de menor precipitação pluviométrica, que coincide com o período de temperaturas mais baixas ao longo do ano, no qual há, em alguns casos, risco de ocorrência de geadas; e polos de viticultura tropical, onde é possível a realização de podas sucessivas ao longo do ano, com a realização anual de até dois e meio ciclos vegetativos.

Relativamente às estruturas produtivas dos diferentes polos vitícolas, também se constata realidades distintas, caracterizadas por diversos fatores, como: nível tecnológico empregado na atividade, disponibilidade de apoio da assistência/consultoria técnica, matriz produtiva (cultivares americanas, híbridas ou viníferas) e foco de mercado. Nesse contexto, verifica-se, tanto no segmento produtivo focado no mercado de uvas de mesa, quanto no da indústria de processamento (vinhos, sucos e outros derivados), uma grande diversidade de cultivares, por exemplo, americanas, híbridas e finas, compondo a matriz produtiva dos polos vitícolas. Em particular, no caso do segmento produtor de uvas finas de

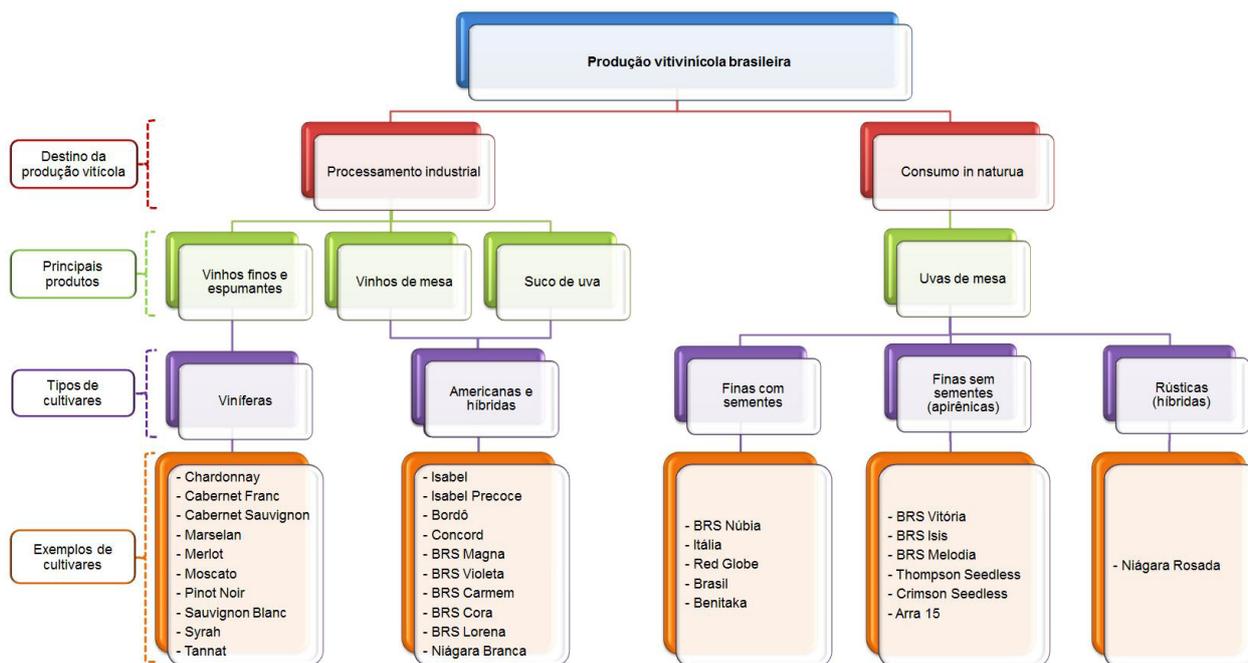


Figura 2. Bases principais da produção vitivinícola brasileira.

mesa, cabe salientar a existência de dois grandes grupos: um composto por variedades tradicionais com sementes e outro por variedades sem sementes (apirênicas). Alinhado com o comportamento do mercado internacional, registra-se internamente o crescimento da demanda e da expansão das áreas de produção vitícola destas últimas, sobretudo no Vale do Submédio São Francisco, localizado na região Nordeste, que é o maior polo produtor e exportador de uvas finas de mesa do Brasil.

De maneira sintética, a partir de observações e constatações baseadas em aspectos sociais (ex.: características dos produtores e naturezas dos empreendimentos vitícolas, se familiares ou empresariais), econômicos (ex.: nível tecnológico, mercado, tamanho e objetivo dos empreendimentos vitícolas) e ambientais (ex.: características agroclimáticas) de distintas realidades, de maneira macro, é possível enquadrar a viticultura brasileira em diferentes

contextos sob a perspectiva geoespacial. Isso porque, dentro dessa perspectiva, de acordo com Marques et al. (2017), pode-se representar fenômenos antrópicos e ambientais, com identificação de padrões, e, desse modo, compreender suas interações nos processos de ocupação e transformação do espaço. Assim, partindo dessa fundamentação e sem o objetivo de estabelecer uma relação rigorosa quanto ao tipo de clima predominante em cada polo produtor, dada a diversidade e a complexidade que esta classificação exigiria, enquadrou-se a produção vitícola nacional em quatro grandes grupos espaciais. Nesses agrupamentos, ilustrados na Figura 3, e que não são exaustivos em função, sobretudo, de dinâmicas próprias do setor produtivo (ex.: alterações na matriz produtiva e surgimento de novos polos produtores), foram sendo estabelecidos, de forma customizada, sistemas de produção específicos, que geram

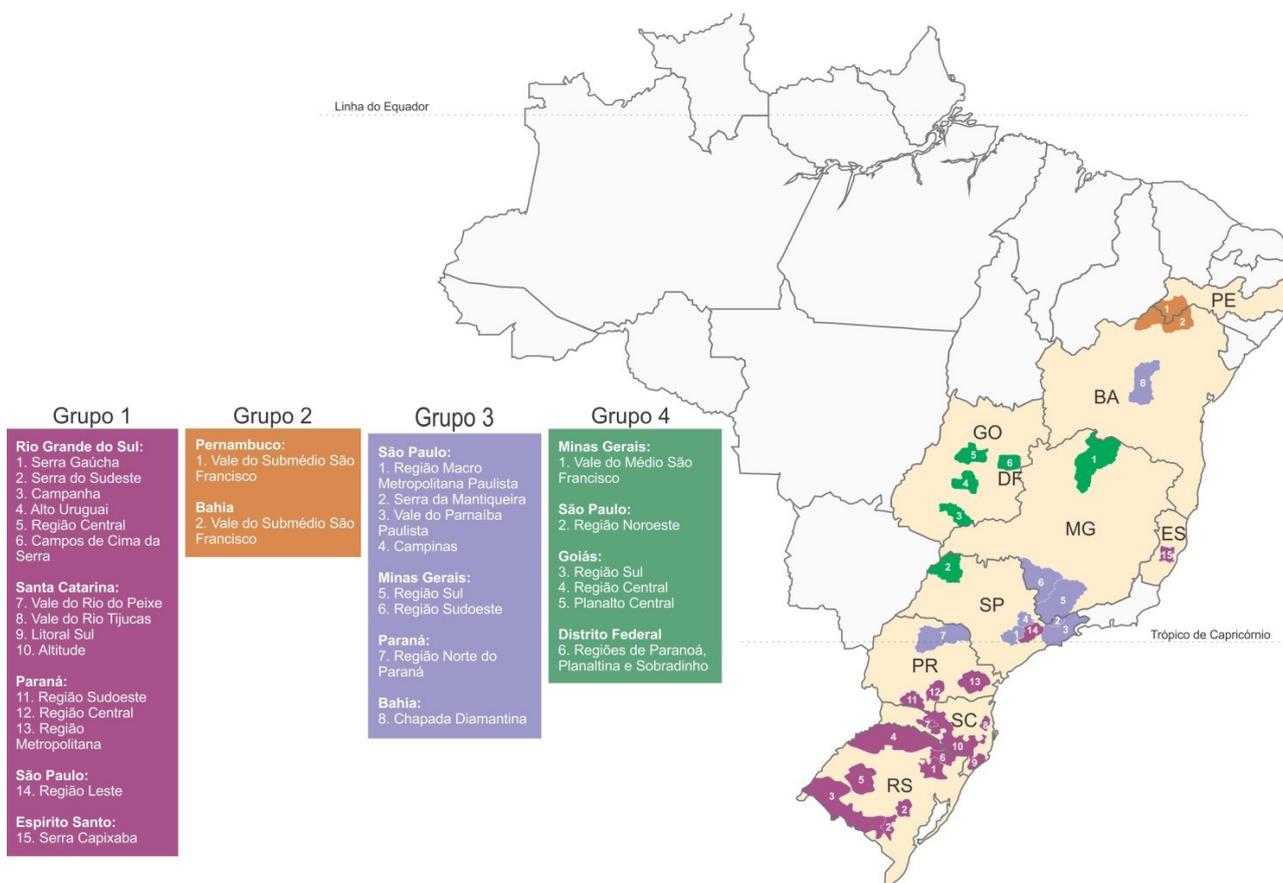


Figura 3. Distribuição e agrupamentos espaciais dos principais polos vitícolas brasileiros.

Ilustração: Luciana Elena Mendonça Prado.

Os polos vitícolas estão identificados no mapa conforme a cor estabelecida para cada grupo, definidas nas colunas ao lado do mapa. Nessa primeira proposta de agrupamento da viticultura, não houve um rigor exaustivo quanto à relação dos polos vitícolas existentes, tampouco quanto à precisão geográfica das respectivas localizações no mapa.

produtos com qualidades, tipicidades e foco em potenciais mercados diferenciados entre si.

- Grupo 1: nesta viticultura, que prevalece nas regiões de clima temperado e parte das regiões subtropicais, os sistemas de produção dominantes contemplam um ciclo vegetativo, uma poda e uma colheita anual. Predominantemente, fazem parte desse universo os viticultores da região Sul e parte dos polos produtores da região Sudeste. Em termos específicos, a produção está assim distribuída:

1) Rio Grande do Sul: Serra Gaúcha (maior e mais representativo polo vitivinícola nacional), Campos de Cima da Serra, Serra do Sudeste, Campanha Gaúcha, Alto Uruguai e Região Central.

2) Santa Catarina: Vale do Rio do Peixe, Vale do Rio Tijucas, Litoral Sul, Planalto Catarinense e Oeste.

3) São Paulo: região leste.

4) Paraná: regiões Sudoeste, Central e Metropolitana de Curitiba.

5) Espírito Santo: região da Serra Capixaba. Com exceção de um pequeno polo vitícola localizado na região leste do estado de São Paulo, que também produz uvas para o consumo in natura, as demais regiões deste grupo são altamente concentradas na produção de uvas para processamento.

- Grupo 2: o polo vitícola referencial deste grupo está localizado na região semiárida do Nordeste brasileiro, no Vale do Submédio São Francisco, mais precisamente nos estados de Pernambuco e da Bahia. Os sistemas de produção dominantes, que dependem de irrigação, contemplam dois ciclos vegetativos e duas podas, sendo possível a colheita de uma ou mais safras por ano na mesma área. Embora a referência histórica deste polo esteja relacionada com o pioneirismo na produção de uvas para o consumo in natura, registrou-se, a partir da década de 1980, a implantação de projetos focados na produção de vinhos finos, hoje consolidados com a outorga, pelo Instituto Nacional da Propriedade Industrial (Inpi), da indicação geográfica (IG) de vinhos finos (tropicais) Vale do São Francisco. Na sequência, nos anos 2000, foram implantados projetos voltados à produção de suco de uva. Assim, com uma estrutura de produção que abrange os três segmentos da cadeia produtiva vitivinícola, o polo vitícola do Vale do Submédio São Francisco conta com uma matriz varietal diversificada, com cultivares de uvas finas de

mesa, uvas finas para a elaboração de vinhos e uvas americanas e híbridas para a produção de vinho, suco e polpa.

- Grupo 3: a viticultura deste grupo abrange parte do território brasileiro em que os sistemas de produção mais característicos contemplam dois ciclos vegetativos, duas podas e, geralmente, apenas uma colheita anual. As principais regiões vitícolas abrangidas são as seguintes:

1) em São Paulo, na região Macro Metropolitana Paulista registram-se dois polos vitícolas principais, cujos municípios referenciais são, São Miguel Arcanjo e Pilar do Sul. Ainda nesse Estado, tem-se o registro de alguns polos vitivinícolas emergentes, focados na produção de vinhos finos, principalmente na região da Serra da Mantiqueira.

2) No mesmo contexto, no Estado de Minas Gerais, também há registros de projetos emergentes nas regiões Sul e Sudoeste, tendo por referências os municípios de Andradas, Três Corações, Poços de Caldas, Lavras e São Gonçalo do Sapucaí.

3) No Estado da Bahia, na região da Chapada Diamantina, encontram-se polos emergentes nos municípios de Mucugê e Morro do Chapéu.

4) No Paraná encontra-se o polo vitícola da região Norte, cujos municípios referenciais são Marialva e Bandeirantes. A viticultura no norte paranaense é tradicionalmente centrada na produção de uvas de mesa, com uma matriz produtiva que mescla cultivares finas e rústicas. Mais recentemente, novos empreendimentos vêm consolidando outro segmento da cadeia produtiva, diversificando o foco de mercado da produção vitivinícola regional com a produção e oferta de suco de uva. Ainda no Paraná, na região Norte Central, encontra-se outro polo vitícola, com destaque para o município de Rosário do Ivaí.

- Grupo 4: a viticultura deste grupo se caracteriza pela localização, sobretudo, em ambiente subtropical e pela necessidade de irrigação, com sistemas de produção predominantes que contemplam duas podas e uma colheita anual. Em Minas Gerais encontram-se os polos vitícolas de Jaíba, Janaúba/Nova Porteirinha e Pirapora, também localizados às margens do Rio do São Francisco, que os irriga, tendo como foco preferencial a produção de uva de mesa. Já no noroeste do estado de São Paulo encontra-se o polo vitícola da região de Jales, que, de modo semelhante ao ocorrido no polo vitícola localizado no norte de Minas Gerais, apresenta

uma matriz produtiva que vem sendo gradualmente reconvertida, das cultivares Itália e suas mutações somáticas, para, sobretudo, a cultivar Niágara Rosada. Ainda neste agrupamento, registram-se polos vitícolas emergentes em Goiás, nas regiões Sul (Paraúna) e Central (Itaberaí) e Planalto Central (Pirenópolis), e no Distrito Federal, sobretudo nas regiões do Paranoá, da Planaltina e do Sobradinho. Nesses polos emergentes coexistem projetos focados tanto na produção de vinhos finos, como para a produção de vinhos de mesa e suco de uva.

De maneira geral, na viticultura explorada em zona de transição climática entre os climas temperado e tropical, adota-se o sistema de produção com duas podas anuais. Entretanto, verificam-se casos em que é realizada apenas uma safra anual e outros, sobretudo naqueles voltados à produção de uva de mesa rústica, em que são feitas duas safras, uma chamada de “safrinha” ou “temporã”, e outra que é considerada como a safra principal.

Ainda a respeito da realidade espacial da viticultura brasileira, é relevante enfatizar que Tonietto e Pereira (2012) definem os vinhos tropicais como aqueles que são elaborados com uvas produzidas em vinhedos localizados em regiões com clima vitícola com variabilidade intra-anual, possibilitando obter mais de um ciclo vegetativo e uma ou mais colheitas por ano. Dessa definição, portanto, poderia derivar um conceito vitícola para os climas temperados (impossibilidade de se obter mais de um ciclo vegetativo e uma colheita por ano) e os climas tropicais (os que possibilitam mais de um ciclo vegetativo por ano).

Área com videiras no Brasil

Segundo dados do IBGE (2023), em 2022, a área plantada de videiras no Brasil apresentou-se praticamente estável, pois houve crescimento de apenas 0,5% em relação ao ano anterior. Nesse universo, conforme a Tabela 1, verifica-se que a região Sul concentra 70,88% da área vitícola nacional, com destaque para o estado do Rio Grande do Sul, que representa 61,15% da mesma. Algumas alterações registradas relativamente às áreas vitícolas de alguns estados, em 2022, ensejam uma análise exploratória. O estado de Pernambuco apresentou, em termos absolutos, o maior aumento de área (399 ha), que representa um crescimento de 4,51% na área vitícola. Provavelmente, a origem desse incremento esteja relacionada com a expansão das áreas com cultivares BRS, criadas pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), com especial

destaque para a cultivar BRS Melodia, lançada e disponibilizada ao setor produtivo em 2021. Outro fator que vem contribuindo significativamente para a expansão da área na região do Submédio São Francisco é a consolidação do segmento produtor de suco de uva, responsável por importantes investimentos realizados, inclusive por empresas vitivinícolas tradicionais do Sul do Brasil. Ainda na região Nordeste, cabe destacar a ampliação da área na Bahia. Nesse estado, além da expansão das áreas com as novas cultivares de uvas de mesa, registram-se dois polos vitivinícolas emergentes na região da Chapada Diamantina, um no município de Mucugê e outro no município de Morro do Chapéu. Na região Centro-Oeste, chama a atenção o crescimento de 43% da área cultivada com videira em Goiás. Após a frustração do projeto vitivinícola pioneiro naquele estado, localizado no município de Santa Helena, mas provavelmente estimulados por ele, outros empreendimentos surgiram em diversas regiões. Com o tempo, esses polos emergentes de Goiás cresceram, focando inicialmente nos mercados locais. Posteriormente, se consolidaram e expandiram para mercados regionais e, em alguns casos, para o mercado nacional. No estado goiano, são referenciais as vitiviniculturas desenvolvidas nos municípios de Paraúna, Itaberaí, Pirenópolis, Cristalina, Cocalzinho de Goiás e Goiânia.

No sentido contrário, destaca-se o estado do Paraná, que é um tradicional produtor de uvas, que vem registrando reduções da ordem de 2,4% ao ano na área com parreirais. Inicialmente, a expectativa era de crescimento da área vitícola no estado, que conta com o Programa Revitis, coordenado pela Secretaria da Agricultura e do Abastecimento Estadual, cujos objetivos principais são revitalizar a viticultura paranaense e promover a expansão da área com o cultivo de videira. Por outro lado, o crescimento ordenado de programas de enoturismo nas diversas regiões vitivinícolas do estado, gerando impactos significativos no aumento das vendas de vinho, e a outorga da sua primeira IG, através do polo vitivinícola do município de Bituruna, ratificavam as expectativas de aumento da área vitícola paranaense. Entretanto, relatos obtidos presencialmente pelos autores junto a lideranças setoriais da região norte do Paraná dão conta de grandes prejuízos causadas pelo uso de alguns herbicidas como o 2,4-D, que, ao serem empregados em outras culturas, como soja, por exemplo, por deriva, podem afetar fortemente e comprometer a produção presente e os novos empreendimentos programados para aquela região vitícola.

Tabela 1. Área cultivada com videiras no Brasil no período de 2018 a 2022 em hectares.

Estado	2018	2019	2020	2021	2022	CP ⁽¹⁾	CA ⁽²⁾	Participação ⁽³⁾
	(ha)					(%)	(%)	(%)
Rio Grande do Sul	46.858	46.671	46.174	46.350	46.533	0,4	-0,2	61,1
Pernambuco	8.745	8.806	8.763	8.838	9.237	4,5	1,1	12,1
São Paulo	7.238	8.023	8.019	8.639	8.462	-2,0	3,9	11,1
Santa Catarina	4.016	3.955	3.942	3.937	3.895	-1,1	-0,7	5,1
Paraná	3.946	3.638	3.646	3.583	3.513	-2,0	-2,4	4,6
Bahia	1.962	1.926	2.043	2.486	2.564	3,1	8,2	3,4
Minas Gerais	1.088	1.213	1.223	1.299	1.266	-2,5	3,8	1,7
Espírito Santo	198	188	212	198	201	1,5	0,8	0,3
Goiás	100	106	91	93	133	43,0	4,5	0,2
Paraíba	132	132	130	130	110	-15,4	-3,7	0,1
Distrito Federal	57	57	57	57	57	0,0	0,0	0,1
Mato Grosso	53	53	52	52	52	0,0	-0,6	0,1
Rio de Janeiro	17	20	19	20	27	35,0	9,7	0,0
Ceará	21	23	26	19	23	21,1	-0,1	0,0
Rondônia	30	30	26	17	11	-35,3	-22,7	0,0
Rio Grande do Norte	3	3	2	2	8	300,0	16,8	0,0
Mato Grosso do Sul	7	6	5	5	6	20,0	-4,8	0,0
Piauí	8	1	5	4	2	-50,0	-12,9	0,0
Tocantins	1	1	1	1	1	0,0	0,0	0,0
Total	74.480	74.852	74.436	75.730	76.101	0,5	0,5	100,0

⁽¹⁾ Crescimento no período 2021 a 2022.

⁽²⁾ Taxa de crescimento geométrico anual entre 2018 e 2022.

⁽³⁾ Participação na área vitícola nacional do ano de 2022.

Fonte: IBGE (2023).

Para os demais estados pode-se considerar que, em função de as áreas ainda serem pouco representativas, as eventuais alterações são, de certo modo, normais dentro da dinâmica evolutiva da atividade vitivinícola. Nesse contexto, verifica-se que a área vitícola nacional apresentou um ligeiro crescimento nos últimos anos: em média 0,5% ao ano. Os estados com crescimentos médios anuais mais expressivos, entre 2018 e 2022, foram: Rio Grande do Norte (16,8%), Rio de Janeiro (9,7%), Bahia (8,2%), Goiás (4,5%), São Paulo (3,9%) e Minas Gerais (3,8%). Por outro lado, os estados com decréscimos médios anuais mais relevantes, entre 2018 e 2022, foram: Rondônia (22,7%), Piauí (12,9%),

Mato Grosso do Sul (4,8%), Paraíba (3,7%) e Paraná (2,4%).

Produção de uva no Brasil

Segundo as estimativas do IBGE (2023), a produção vitícola no Brasil, no ano de 2022, foi de 1.450.805 t, representando uma queda de 17% em relação ao ano anterior. Como referência comparativa, verifica-se que a região Sul, que em 2021 havia sido responsável por 60,5% da produção nacional, em 2022 teve esse percentual reduzido para 58,1% (Tabela 2). De maneira geral, observa-se que, nos últimos cinco anos, a produção nacional de uvas, ao

Tabela 2. Produção de uvas no Brasil no período 2018 a 2022 em toneladas.

Estado	2018	2019	2020	2021	2022	CP ⁽¹⁾ (%)	CA ⁽²⁾ (%)	Participação ⁽³⁾ (%)
	(t)							
Rio Grande do Sul	823.698	667.239	735.342	951.254	734.982	-22,7	1,3	50,7
Pernambuco	426.392	456.080	349.757	420.501	338.206	-19,6	-5,3	23,3
São Paulo	138.055	149.064	149.803	168.729	164.131	-2,7	4,8	11,3
Santa Catarina	60.524	71.939	55.872	70.788	75.664	6,9	4,4	5,2
Paraná	58.261	58.975	60.378	59.721	56.560	-5,3	-0,5	3,9
Bahia	57.039	53.689	54.200	46.019	51.587	12,1	-3,5	3,6
Minas Gerais	15.800	17.424	18.780	19.908	18.656	-6,3	4,8	1,3
Espírito Santo	3.194	2.727	3.217	3.158	3.205	1,5	1,5	0,2
Goiás	2.630	2.624	2.600	2.600	2.200	-15,4	-3,6	0,2
Paraíba	2.747	2.216	1.516	1.850	1.997	7,9	-7,9	0,1
Distrito Federal	1.425	1.425	1.425	1.425	1.425	0,0	0,0	0,1
Mato Grosso	1.297	1.304	1.287	1.290	1.288	-0,2	-0,2	0,1
Rio de Janeiro	422	564	763	521	583	11,9	5,8	0,0
Ceará	42	42	30	30	84	180,0	11,1	0,0
Rondônia	218	218	197	124	76	-38,7	-23,4	0,0
Rio Grande do Norte	169	168	180	125	71	-43,2	-18,4	0,0
Mato Grosso do Sul	55	72	59	57	63	10,5	0,4	0,0
Piauí	51	24	120	96	24	-75,0	-1,2	0,0
Tocantins	12	12	12	10	3	-70,0	-25,6	0,0
Brasil	1.592.031	1.485.806	1.435.538	1.748.206	1.450.805	17,0	0,2	100,0

⁽¹⁾ Crescimento no período 2021 a 2022.

⁽²⁾ Taxa de crescimento geométrico anual entre 2018 e 2022.

⁽³⁾ Participação na produção vitícola nacional do ano de 2022.

Fonte: IBGE (2023).

contrário da área vitícola, tem apresentado tendência de ligeiro decréscimo (-0,2% ao ano).

Analisando o desempenho da produção vitícola brasileira sob a ótica da produtividade, ficam evidentes, para o ano de 2022, os impactos negativos do comportamento climático. Tomando-se como referências comparativas duas regiões de destaque, verifica-se que no Sul e no Nordeste a queda na produtividade média de uvas foi de 20,42 e 9,37%, respectivamente. No agregado, entre 2021 e 2022, a produtividade vitícola média do Brasil caiu 16,1%, passando de 23.118 para 19.396 kg/ha (Tabela 3). Embora não se tenha uma estimativa quantificada, com base em comunicações pessoais obtidas localmente, considera-se que, além do comportamento

climático desfavorável registrado em 2022, também tiveram influências relevantes na queda da produtividade vitícola, principalmente em alguns locais da região Sul, a expansão de cultivo e o manejo adotado na cultura da soja. Isso porque o uso de alguns tratamentos com herbicidas visando ao controle de plantas invasoras pode, em função de deriva, estar impactando significativamente, tanto na perda da produção quanto na própria sobrevivência das plantas de videira e de outras espécies frutíferas.

De maneira sintética, a Figura 4 ilustra o comportamento da área, produção e produtividade vitícola no Brasil nos últimos cinco anos. Apesar das oscilações, pode-se constatar uma relativa estabilidade temporal dessas variáveis.

Tabela 3. Produtividade de uvas no Brasil no período de 2018 a 2022 em quilograma por hectares.

País/ Estado	2018	2019	2020	2021	2022	CP ⁽¹⁾ (%)	CA ⁽²⁾ (%)
	(kg/ha)						
Brasil	21.376	19.914	19.471	23.118	19.396	-16,1	-0,5
Pernambuco	48.758	51.792	42.150	47.579	42.451	-10,8	-3,6
Bahia	30.848	37.352	27.348	28.475	29.510	3,6	-3,5
Ceará	20.095	24.522	29.346	27.421	25.348	-7,6	5,9
Distrito Federal	25.000	25.000	25.000	25.000	25.000	0,0	0,0
Mato Grosso	24.472	24.604	24.750	24.808	24.769	-0,2	0,3
Paraíba	19.924	19.879	20.000	20.000	20.000	0,0	0,1
São Paulo	19.074	18.580	18.683	19.581	19.399	-0,9	0,9
Espírito Santo	16.131	14.505	15.175	16.030	16.106	0,5	1,0
Rio Grande do Sul	17.579	14.363	16.005	20.548	15.796	-23,1	1,5
Goiás	27.470	20.906	18.950	19.892	15.015	-24,5	-11,8
Minas Gerais	14.522	14.364	15.356	15.326	14.736	-3,8	0,9
Paraná	14.455	14.839	14.866	12.858	14.710	14,4	-1,1
Santa Catarina	14.511	14.927	15.328	15.270	14.604	-4,4	0,4
Piauí	6.375	24.000	24.000	24.000	12.000	-50,0	13,5
Rio Grande do Norte	14.000	14.000	15.000	15.000	10.500	-30,0	-4,9
Mato Grosso do Sul	9.167	12.000	11.800	11.400	10.500	-7,9	2,2
Rondônia	7.267	7.267	7.577	7.294	6.909	-5,3	-1,0
Tocantins	12.000	12.000	12.000	10.000	3.000	-70,0	-25,6
Rio de Janeiro	9.941	8.400	9.474	6.250	2.630	-57,9	-25,6

⁽¹⁾ Crescimento no período 2021 a 2022.

⁽²⁾ Taxa de crescimento geométrico anual entre 2018 e 2022.

Fonte: IBGE (2023).

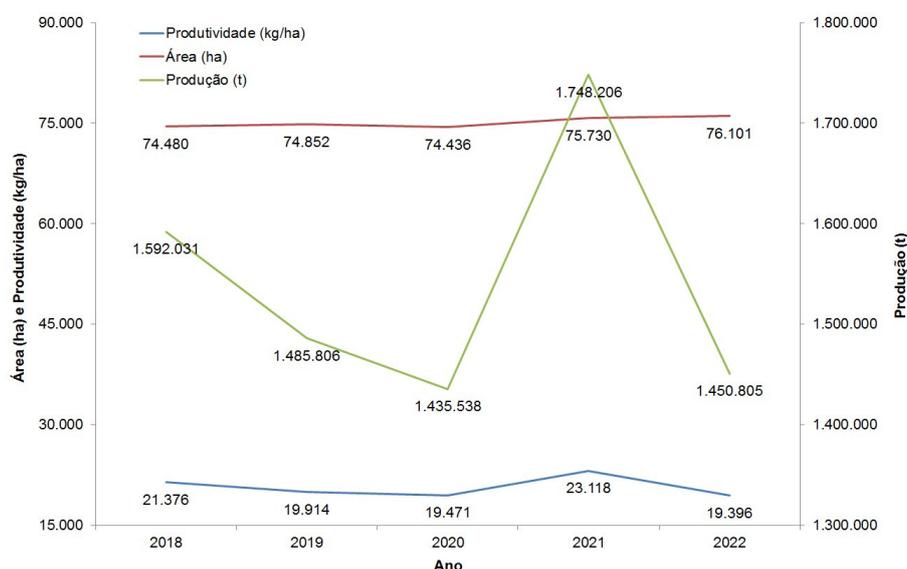


Figura 4. Evolução da área, produção e produtividade vitícola no Brasil no período de 2018 a 2022.

Fonte: IBGE (2023).

Tabela 4. Distribuição da produção de uvas para consumo in natura e processamento no Brasil no ano de 2022.

Estado	Consumo in natura (%)	Processamento (%)	Consumo in natura (t)	Processamento (t)
Rio Grande do Sul	2,5	97,5	18.375	716.607
Pernambuco	95,0	5,0	321.296	16.910
São Paulo	70,0	30,0	114.892	49.239
Bahia	95,0	5,0	71.881	3.783
Santa Catarina	2,5	97,5	1.414	55.146
Paraná	62,0	38,0	31.984	19.603
Minas Gerais	75,0	25,0	13.992	4.664
Espírito Santo	95,0	5,0	3.045	160
Paraíba	95,0	5,0	2.090	110
Goiás	5,0	95,0	100	1.897
Distrito Federal	5,0	95,0	71	1.354
Mato Grosso	10,0	90,0	129	1.159
Outros estados	50,0	50,0	452	452
Brasil	40,0	60,0	579.719	871.086

Para fazer as devidas distribuições entre uvas para consumo in natura e processamento, foram feitas, sobretudo, consultas a especialistas e/ou utilizadas estatísticas oficiais dos diferentes estados produtores, da seguinte forma: a) Foram consultados especialistas nos seguintes estados: Rio Grande do Sul, São Paulo, Santa Catarina, Espírito Santo, Paraíba, Goiás, Distrito Federal e Mato Grosso; b) Para os seguintes estados, foram utilizadas estatísticas do setor: Pernambuco (Fonte: Sindicato de Produtores Rurais de Petrolina), Bahia (Fonte: Sindicato de Produtores Rurais de Petrolina), Paraná (Fonte: Secretaria da Agricultura e do Abastecimento do Paraná) e Minas Gerais (Fonte: Emater/MG); e c) Para os demais estados produtores, tendo em vista que as áreas vitícolas são pouco representativas, assumiu-se uma viticultura de duplo propósito, em que 50% da produção vitícola é voltada para consumo in natura e os outros 50% para processamento.

Fonte: IBGE (2023).

Em termos da destinação da produção vitícola brasileira, na Tabela 4 são apresentadas estimativas das quantidades de uvas produzidas para atender demandas da indústria de processamento (vinhos, sucos e outros derivados) e do consumo in natura (uvas de mesa). No geral, estima-se que cerca de 40 e 60% das uvas produzidas no país são direcionadas, respectivamente, para consumo in natura e processamento. Enquanto que nas regiões Sul e Centro-Oeste a grande maioria da produção é direcionada para o processamento, nas demais regiões o mercado de uva de mesa é o principal destino da produção.

Mercado da uva de mesa

Desde meados da década de 1990, a matriz produtiva das cultivares de uvas finas de mesa do Brasil tem sofrido mudanças significativas. Inicialmente, foram no sentido de substituir as tradicionais 'Itália', 'Rubi', 'Benitaka' e 'Brasil' por cultivares apirênicas (sem sementes). Na sequência, sobretudo no polo

vitícola do Vale do Submédio São Francisco, o processo de substituição dessa matriz buscou viabilizar a obtenção de mais de uma safra anual, potencial existente no ambiente tropical, mas que as primeiras cultivares apirênicas introduzidas (Superior Seedless, Crimpson Seedless e Thompson Seedless), por questões de sensibilidade às doenças fúngicas, como o míldio, e rachaduras das bagas nos períodos chuvosos, não viabilizavam. Assim, em paralelo à busca por outras cultivares alternativas, o Programa de Melhoramento Genético da Embrapa teve significativa contribuição, resultando no destacado protagonismo atualmente verificado das cultivares BRS Vitória, BRS Isis, BRS Núbia e, mais recentemente, a 'BRS Melodia', que estão consolidadas e em expansão, tanto na região do Vale do Submédio São Francisco, quanto nos demais polos vitícolas brasileiros, com os devidos ajustes de manejo.

As Tabelas 5 e 6 apresentam as quantidades produzidas e preços médios comercializados das principais uvas de mesa, na Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo

Tabela 5. Quantidades e preços médios das principais cultivares de uvas, com sementes e sem sementes, produzidas no Brasil e comercializadas na Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo (ETSP – Ceagesp) em 2021.

Mês	Uva com sementes				Uva sem sementes					
	Niágara Rosada		Itália		Crimpsom Seedless		Thompson Seedless		BRS Vitória	
	Preço médio	Quant.	Preço médio	Quant.	Preço médio	Quant.	Preço médio	Quant.	Preço médio	Quant.
	(R\$/kg)	(kg)	(R\$/kg)	(kg)	(R\$/kg)	(kg)	(R\$/kg)	(kg)	(R\$/kg)	(kg)
Jan.	5,35	1.245.060	6,06	351.360	9,84	184.608	11,21	1.202.800	9,75	941.650
Fev.	5,25	896.495	5,89	327.365	11,17	251.376	11,82	1.415.032	9,61	767.830
Mar.	6,44	734.195	6,38	340.020	11,37	278.304	11,56	1.210.968	10,22	884.855
Abr.	4,98	895.125	6,59	322.915	9,26	251.864	10,34	1.595.560	9,87	707.350
Mai	3,92	917.580	5,78	145.130	8,18	161.832	9,36	1.984.880	8,94	855.590
Jun.	5,61	621.855	5,37	192.865	8,87	147.448	9,61	1.917.992	8,43	1.113.235
Jul.	6,1	593.995	5,37	333.100	8,79	202.896	10,63	1.232.104	7,57	946.630
Ago.	6,64	531.110	5,7	295.220	8,86	268.776	10,63	1.343.496	8,15	1.287.005
Set.	7,36	426.325	5,94	278.975	9,47	257.504	10,84	1.420.408	8,63	991.220
Out.	7,28	482.400	6,29	243.655	8,97	326.792	9,78	2.030.560	7,86	890.125
Nov.	7,11	563.295	6,71	290.010	9,18	397.072	10,87	2.589.984	8,33	1.383.860
Dez.	6,88	2.402.865	7,03	428.260	10,14	506.560	12,24	1.550.272	8,72	967.430
Média	6,08	–	6,09	–	9,51	–	10,74	–	8,84	–
Total	–	10.310.291	–	3.548.876	–	3.235.033	–	19.494.057	–	11.736.781

Fonte: Elaborado a partir de dados da Ceagesp (2022).

(ETSP – Ceagesp) em 2021 e 2022. Cabe destacar que o mercado interno de outras cultivares de uvas finas de mesa está tendo um significativo crescimento, o que deverá dinamizar as tendências de consumo no Brasil. Composto esse cenário, no segmento das uvas rústicas de mesa, a cultivar Niágara Rosada mantém o seu protagonismo e importância, tanto na produção, por representar uma viticultura típica da agricultura familiar, quanto no mercado, por ser a preferida de grande parcela dos consumidores brasileiros. O crescimento da oferta de uvas dessa cultivar nos meses de verão (dezembro a fevereiro) deve-se ao fato da mesma ser produzida tanto em regiões de clima tropical, com destaque para o polo vitícola do noroeste de São Paulo (Jales, Palmeira D'Oeste) e do norte de Minas Gerais (Janaúba, Jaíba e Pirapora), quanto nos polos vitícolas tradicionais, localizados nas regiões de clima temperado do Sudeste e Sul brasileiros.

Com relação ao comportamento mercadológico das cultivares em análise, registradas nas Tabelas 5 e 6, evidencia-se uma queda linear dos volumes comercializados, repercutindo o efeito da quebra da safra de 2022, já ressaltada anteriormente. Entretanto, os grandes percentuais de queda registrados para as cultivares tradicionais Itália, Crimpsom Seedless e Thompson Seedless (-39,45, -50,49 e -78,30%, respectivamente) também evidenciam a perda de competitividade mercadológica das mesmas junto ao consumidor. No caso das cultivares Niágara Rosada e BRS Vitória, a diminuição da comercialização está relacionada, principalmente, com a diminuição da oferta. Entretanto, no caso da 'BRS Vitória', essa redução da oferta também pode estar relacionada com o fato de a mesma ter sua oferta no mercado interno inversamente proporcional à demanda do mercado internacional, que foi crescente a partir de 2021. O foco dos principais produtores da

Tabela 6. Quantidades e preços médios das principais cultivares de uvas, com sementes e sem sementes, produzidas no Brasil e comercializadas na Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo (ETSP – Ceagesp) em 2022⁽¹⁾.

Mês	Uva com sementes					Uva sem sementes				
	Niágara Rosada		Itália		Crimpsom Seedless		Thompson Seedless		BRS Vitória	
	Preço médio	Quant.	Preço médio	Quant.	Preço médio	Quant.	Preço médio	Quant.	Preço médio	Quant.
	(R\$/kg)	(kg)	(R\$/kg)	(kg)	(R\$/kg)	(kg)	(R\$/kg)	(kg)	(R\$/kg)	(kg)
Jan.	4,92	1.438.115	6,48	275.945	10,72	215.544	12,82	860.712	10,08	811.496
Fev.	5,53	929.900	6,18	325.215	11,92	108.256	14,51	368.232	11,34	619.994
Mar.	6,82	668.400	6,87	249.735	13,13	63.800	13,38	703.368	12,61	437.010
Abr.	6,59	651.965	7,77	115.355	11,39	48.080	10,94	140.816	11,42	506.405
Mai	5,68	729.455	6,89	97.055	9,1	149.032	10,61	187.584	8,66	929.390
Jun.	6,1	598.960	6,19	74.070	8,62	170.192	11,58	163.168	7,43	820.390
Jul.	6,94	542.240	6,49	177.610	9,27	232.888	11,8	81.869	8,17	791.265
Ago.	8,2	425.035	7,15	173.200	11,46	120.376	12,5	131.296	9,59	824.860
Set.	9,17	305.765	8,28	116.340	12,48	91.824	10,98	265.568	11,37	662.430
Out.	10,92	327.810	9,41	95.120	12,01	130.088	10,23	311.024	10,12	771.905
Nov.	10,21	396.150	10,66	108.915	11,85	115.144	11,18	444.680	9,24	756.280
Dez.	6,78	2.361.075	9,76	337.265	10,8	156.576	11,31	572.768	8,81	959.810
Média	7,32	–	7,68	–	11,06	–	11,82	–	9,90	–
Total	–	9.374.870	–	2.145.825	–	1.601.800	–	4.231.085	–	8.891.235

⁽¹⁾ De acordo com esclarecimentos obtidos junto à Ceagesp, as estatísticas relativas aos preços e às quantidades comercializadas da cultivar Thompson Seedless na verdade referem-se às cultivares ARRA15 e BRS Clara. Esse equívoco nos registros acontece em função de, historicamente, a 'Thompson Seedless' ser a uva branca sem sementes comercializada no mercado brasileiro. Entretanto, há alguns anos essa cultivar deixou de ser ofertada.

A grande disparidade dos volumes registrados da cultivar Thompson Seedless entre os anos de 2021 e 2022, que caiu de 19.494.057 para 4.231.085 kg, segundo a Ceagesp, deve-se aos ajustes que vêm sendo feitos nos registros estatísticos daquela Central de Abastecimento. Assim, os volumes comercializados das cultivares ARRA15, BRS Clara e outras cultivares brancas, sem sementes, que até 2021 eram registradas como 'Thompson Seedless', passaram a ter registros específicos, desagregados, que não estão apresentados na Tabela 6.

Fonte: Elaborado a partir de dados da Ceagesp (2023).

'BRS Vitória' é a exportação. Isso de certa forma se justifica, sobretudo, pela melhor remuneração média que a uva tem no mercado internacional.

Quanto aos níveis de preços nominais médios de comercialização, verifica-se, entre 2021 e 2022, um aumento generalizado acima de 12%, com exceção da cultivar Thompson, cujas circunstâncias estão registradas na nota da Tabela 6, que foi de apenas 10%. Esse fato, provavelmente, está relacionado com a diminuição da oferta. Embora a análise da dinâmica comercial da uva de mesa no ambiente da Ceagesp, maior central de abastecimento de hortifrutigranjeiros do Brasil, seja um referencial importante para o monitoramento e a avaliação do

desempenho do setor, é importante destacar que a produção vitícola brasileira está pulverizada em praticamente todas as regiões, e que parte significativa dessa produção é comercializada local e/ou regionalmente.

Produção de vinhos, suco e derivados

No âmbito da viticultura do Rio Grande do Sul, que é o estado com maior produção vitícola voltada para atender demandas da indústria de processamento, observa-se que, entre 2021 e 2022, houve diminuição de 8,2% no volume produzido de vinhos, sucos e derivados da uva e do vinho (Tabela 7). São

Tabela 7. Produção de vinhos, sucos e derivados no Rio Grande do Sul no período de 2018 a 2022 em litros.

Produção	2018	2019	2020	2021	2022	CP ⁽¹⁾ (%)	CA ⁽²⁾ (%)	Part. ⁽³⁾ (%)
	(L)							
Vinho de mesa⁽⁴⁾	218.375.636	144.629.737	124.170.412	173.899.995	195.031.611	12,2	-0,4	34,5
Tinto	188.270.142	121.045.115	103.916.390	146.075.996	162.844.213	11,5	-1,0	28,8
Branco	29.229.970	22.032.828	19.538.733	26.432.799	30.198.429	14,2	2,5	5,3
Rosado	875.524	1.551.794	715.289	1.391.200	1.988.967	43,0	16,6	0,4
Vinho fino⁽⁵⁾	38.707.220	37.615.422	32.343.593	43.474.998	47.511.795	9,3	5,7	8,4
Tinto	19.118.254	17.389.377	15.298.690	20.433.249	24.417.917	19,5	6,7	4,3
Branco ⁽⁶⁾	18.297.257	18.193.055	15.481.915	20.867.999	20.896.612	0,1	4,1	3,7
Rosado ⁽⁶⁾	1.291.709	2.032.990	1.562.988	2.173.750	2.197.264	1,1	12,0	0,4
Suco integral	34.367.996	50.239.767	41.190.133	68.841.495	35.248.305	-48,8	3,7	6,2
Suco concentrado⁽⁷⁾	155.499.550	134.305.045	118.846.426	160.656.090	149.462.745	-7,0	1,0	26,4
Mosto simples	88.910.980	135.615.344	80.355.474	153.579.926	126.048.241	-17,9	8,6	22,3
Outro derivado⁽⁸⁾	6.291.121	6.331.602	12.178.330	15.869.457	12.297.145	-22,5	25,3	2,2
Total	542.152.503	508.735.917	409.084.368	616.321.961	565.599.842	-8,2	2,8	100,0

⁽¹⁾ Crescimento no período 2021 a 2022.

⁽²⁾ Taxa de crescimento geométrico anual entre 2018 e 2022.

⁽³⁾ Participação na produção vinícola do Rio Grande do Sul em 2022.

⁽⁴⁾ Produtos elaborados com uvas de cultivares americanas e híbridas.

⁽⁵⁾ Produtos elaborados com uvas de cultivares *Vitis vinifera* L.

⁽⁶⁾ Expressiva parcela dos vinhos finos classificados com Branco e Rosado constituem bases para espumantes, ou seja, que ao longo do ano são transformados em Espumante Natural ou Moscatel Espumante.

⁽⁷⁾ Transformados em litros de suco simples, tendo como base o °Brix das uvas.

⁽⁸⁾ Inclui espumantes prontos para o comércio (Espumante Natural e Moscatel Espumante), além de produtos licorosos, polpa de uva e outros derivados.

Fonte: Elaborado a partir de dados da Uvibra (2023).

números que refletem as diferenças também verificadas quanto aos volumes de uvas produzidas nos referidos anos.

Entretanto, no segmento da produção de vinho de mesa constatou-se um crescimento agregado da ordem de 12,2%. Nesse segmento, merece registro especial o crescimento de 43% na produção de vinho rosado, atingindo um volume próximo aos 2 milhões de litros, que, historicamente, é atípico para esse segmento da cadeia vitivinícola brasileira. Ainda no segmento dos vinhos de mesa, se verifica incremento expressivo na produção dos vinhos tintos e brancos, com aumentos de 11,5 e 14,2%, respectivamente.

Quanto à produção de vinhos finos, registrou-se um aumento de 9,3% no agregado da categoria,

com destaque para os vinhos tintos, cujos volumes produzidos cresceram 19,5%. Por outro lado, os vinhos finos brancos e rosados mantiveram-se praticamente estáveis quanto aos volumes produzidos.

O segmento mais impactado com a diminuição da safra vitícola gaúcha em 2022 foi o de suco de uva. Com base na Tabela 7, entre 2021 e 2022, enquanto para o suco integral a queda na produção foi de 48,8%, para o suco concentrado a diminuição foi de 7%. Contudo, é relevante enfatizar que, considerando os grandes volumes de sucos produzidos no ano de 2021, é provável que expressiva parcela dessas diminuições tenha relação direta com os altos estoques desses produtos que permaneceram de um ano para o outro. Isso justificaria uma eventual opção das indústrias por diminuir a produção

Tabela 8. Relação entre a quantidade de açúcares nas uvas e o potencial de produção de álcool nos vinhos e de elaboração de suco concentrado.

°Brix ⁽¹⁾ da uva (%)	Potencial de álcool (V/V) (%)	Quilograma de uva por quilo de suco concentrado ⁽²⁾
13	6,4	7,478
14	7,0	6,945
15	7,7	6,482
16	8,3	5,775
17	8,9	5,720
18	9,6	5,402
19	10,2	5,117
20	10,9	4,862
21	11,5	4,629
22	12,2	4,598
23	12,8	4,227
24	13,5	4,051

⁽¹⁾ Grau Brix.

⁽²⁾ Quantidade de uva necessária para a obtenção de 1 quilograma de suco concentrado, com 68 °Brix, de acordo com a qualidade da matéria-prima.

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de consultas a especialistas em enologia da Embrapa Uva e Vinho.

de sucos na safra 2022, direcionando, assim, maior volume de uvas para a elaboração de vinhos de mesa.

Ainda de acordo com a Tabela 7, é possível observar que, no período de 2018 a 2022, houve crescimento geral médio de 2,8% ao ano na elaboração dos diferentes produtos pela indústria vinícola do Rio Grande do Sul. Desse crescimento, o maior destaque relativo está associado com os produtos enquadrados como outros derivados, que registraram incremento anual de 25,3%.

Sobre a produção de vinhos e sucos, cabe destacar que a qualidade dos mesmos tem relação direta com a qualidade da matéria prima (uvas). Nessa perspectiva, pode-se afirmar que, dependendo das condições da safra, além dos volumes produzidos de tais produtos, estes podem apresentar variações qualitativas muito expressivas. Assim, a Tabela 8 traz algumas informações relevantes sobre o potencial qualitativo, em termos de açúcares, das uvas sobre os vinhos e sucos. Por exemplo, para uvas com apenas 13 graus Brix (°Brix), que é uma medida comumente empregada para mensurar o teor de açúcares, o potencial de álcool no vinho seria

de apenas 6,4%. Para esse mesmo grau de açúcar, seriam necessários quase 7,5 kg de uvas para produzir um quilograma de suco concentrado. Por outro lado, para um °Brix médio de 24, o potencial de álcool passaria para 13,5% e a necessidade de uvas para gerar um quilograma de suco concentrado seria de apenas em torno de 4,1 kg.

Comercialização de vinhos, sucos e derivados do Rio Grande do Sul

Ao analisar comparativamente as estatísticas anuais de comercialização dos principais produtos da cadeia vitivinícola do Rio Grande do Sul no mercado brasileiro, verifica-se que, no agregado do ano de 2022, houve um aumento de 5,2% em relação ao ano anterior. Quanto ao comportamento das principais variáveis, observa-se um relativo desalinhamento entre a produção agregada (Tabela 7) e a comercialização de vinhos, sucos e derivados (Tabela 9). Em parte, esse fato deve-se às características dos produtos e à gestão dos estoques, já que, no segmento dos vinhos finos, parcela significativa da produção passa por estágio de envelhecimento, sendo retidos por alguns anos nas adegas. Outros produtos, como o suco de uva, também apresentam desalinhamentos entre produção e comercialização anual. Isso porque, enquanto houve quedas nos volumes produzidos em 2022, tanto na categoria integral (-48,8%) como na categoria concentrado (-7%), os registros de comercialização desses produtos mostraram aumentos da ordem de 6 e 40,1%, respectivamente.

Conforme estabelecido pela legislação brasileira, os vinhos finos se diferenciam dos vinhos de mesa por serem elaborados a partir de cultivares de uvas viníferas/europeias. Já os de mesa têm com base cultivares de uvas americanas e/ou híbridas. Entretanto, as diferenças entre essas duas categorias de vinhos não se limitam apenas a questões de características agrônômicas e enoquímicas da matéria prima, pois, a história e a consolidação da vitivinicultura empresarial brasileira possuem estreita relação com a produção de vinho de mesa. Em função dessa peculiaridade, quase exclusiva do Brasil, pois apenas os Estados Unidos também possuem produção de vinho com base em cultivares americanas, há, de forma recorrente, curiosidades que ensejam avaliações comparativas quanto ao desempenho e ao protagonismo das duas categorias de produtos, tanto na produção quanto no mercado interno. Nesse contexto, mediante as Tabelas 7 e 9, evidencia-se que, entre 2018 e 2022, os vinhos finos tenderam a

Tabela 9. Comercialização no mercado interno de vinhos e sucos de uva provenientes do Rio Grande do Sul no período de 2018 a 2022 em litros.

Produto	2018	2019	2020	2021	2022	CP ⁽¹⁾	CA ⁽²⁾	Part. ⁽³⁾
	(L)					(%)	(%)	(%)
Vinho de mesa	177.186.273	180.757.375	215.749.988	210.012.238	182.653.508	-13,0	2,1	31,6
Tinto ⁽⁴⁾	155.115.499	158.830.104	189.765.480	185.653.678	159.873.650	-13,9	2,2	27,6
Rosado	1.972.944	1.265.435	1.394.901	1.931.606	2.172.893	12,5	6,4	0,4
Branco	20.097.830	20.661.826	24.589.607	22.426.954	20.606.964	-8,1	1,3	3,6
Vinho fino	14.826.143	15.640.486	24.310.834	27.544.936	22.420.831	-18,6	14,9	3,9
Tinto	11.150.517	11.419.871	18.202.453	19.337.862	15.714.901	-18,7	12,9	2,7
Rosado	262.430	484.296	993.248	1.603.537	1.441.956	-10,1	58,5	0,2
Branco	3.413.196	3.736.319	5.115.133	6.603.537	5.263.975	-20,3	15,4	0,9
Espumante natural	11.692.300	13.350.344	13.312.191	19.002.638	16.976.415	-10,7	11,6	2,9
Moscatel espumante	6.526.075	8.905.081	9.298.571	12.240.059	12.784.833	4,5	18,1	2,2
Suco de uva	140.472.108	147.545.738	144.889.668	147.753.321	156.643.785	6,0	2,2	27,1
Suco de uva concentrado⁽⁵⁾	117.861.315	142.724.565	112.112.070	133.654.710	187.308.865	40,1	9,0	32,4
Total	468.564.214	508.923.589	519.673.322	550.207.902	578.788.237	5,2	5,1	100,0

⁽¹⁾ Crescimento no período 2021 a 2022.

⁽²⁾ Taxa de crescimento geométrico anual entre 2018 e 2022.

⁽³⁾ Participação na área vitícola nacional do ano de 2022.

⁽⁴⁾ Em 2019, foram incluídos 310.886 L de vinhos sem identificação de tipo e cor.

⁽⁵⁾ Valores convertidos em suco simples com base no °Brix. Inclui também suco reconstituído.

Fonte: Elaborado a partir de dados da Uvibra (2023).

apresentar crescimentos bem mais expressivos que os vinhos de mesa, tanto na produção como na comercialização, pois registraram taxas de incrementos anuais, para essas variáveis, ao redor de 5,7 e 14,9%, respectivamente. É possível que a ligeira diminuição da produção de vinho de mesa (-0,4% ao ano, entre 2018 e 2022) esteja relacionada com o processamento das uvas para a elaboração de sucos, sobretudo concentrados, que, no mesmo período, apresentaram crescimentos anuais médios na comercialização de 9%.

No caso do Espumante Natural, também chamam atenção as variações verificadas nos volumes comercializados. Enquanto entre os anos de 2020 e 2021 registrou-se um aumento de 42,7%, entre 2021 e 2022, essa variação foi negativa em 10,7%.

Possivelmente esse comportamento esteja relacionado, em parte, com as mudanças do comportamento do consumidor brasileiro durante a pandemia da covid-19. O fato é que, embora com oscilações significativas nos dois últimos anos, durante todo o período em análise (2018 a 2022) os volumes comercializados de Espumante Natural têm apresentado tendência de crescimento, com um incremento médio anual de 11,6%.

Para o Moscatel Espumante, o que se observa é que, entre 2018 e 2022, de todos os produtos constantes na Tabela 9, foi o que apresentou a maior taxa de crescimento anual em termos de volume comercializado (18,1%), apesar das oscilações. Isso evidencia que é um produto que está consolidado no gosto e na preferência do consumidor brasileiro.

Tabela 10. Evolução do comércio de vinhos finos⁽¹⁾ nacionais e importados no mercado interno do Brasil no período de 2018 a 2022.

Vinho fino	2018	2019	2020	2021	2022	CP ⁽²⁾ (%)	CA ⁽³⁾ (%)
	(em 1.000 L)						
Nacional ⁽⁴⁾ (a)	17.826	18.640	27.311	30.545	25.421	-16,8	12,8
Importado (b)	109.971	114.175	147.135	154.691	147.600	-4,6	9,3
Total (a + b = c)	127.797	132.815	174.446	185.236	173.021	-6,6	9,8
Participação (b / c) (%)	86,05	85,97	84,34	83,51	85,31	–	–

⁽¹⁾ Vinhos elaborados com uvas *Vitis vinifera* L.

⁽²⁾ Crescimento no período 2021 a 2022.

⁽³⁾ Taxa de crescimento geométrico anual entre 2018 e 2022.

⁽⁴⁾ Foram estimados pelos autores 3 milhões de litros de vinhos finos produzidos nos estados de Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Santa Catarina, Paraná, Goiás e Espírito Santo.

Fonte: Elaborado a partir de dados do COMEX STAT (2023) e Uvibra (2023).

Mercado de vinhos finos e espumantes no Brasil

Com base nas estatísticas apresentadas na Tabela 10, fica evidenciado o grande impacto causado pela pandemia da covid-19 no mercado brasileiro de vinho, especialmente de vinhos finos. Com aumentos significativos tanto na demanda por produtos nacionais quanto importados, os percentuais registrados entre 2019 e 2021 foram, respectivamente, de 63,9 e 35,5%; no agregado, esse aumento foi de 39,5%. Por outro lado, entre 2021 e 2022 (pós-pandemia) registraram-se diminuições dos volumes comercializados de ambos os produtos: 16,8 e 4,6%, respectivamente. Apesar dessas oscilações, constata-se que, na média, entre 2018 e 2022, o mercado brasileiro para vinhos finos cresceu de maneira significativa, na faixa de 9,8% ao ano. Embora representem apenas em torno de 15% desse mercado, os vinhos finos nacionais vêm registrando

crescimento médio anual ligeiramente superior aos vinhos finos importados: 12,8% contra 9,3%.

No entanto, cabe destacar que, diante desse peculiar comportamento do mercado brasileiro de vinhos finos, pré e pós-pandemia, é fundamental aguardar as estatísticas dos próximos anos. Isso porque, a depender do desempenho apresentado, poder-se-á avaliar objetivamente o nível e a consistência do novo patamar desse mercado.

Quanto ao mercado brasileiro de espumantes (naturais e moscatéis), no período de 2018 a 2022, observa-se um crescimento médio anual expressivo da ordem de 13% na demanda pelos produtos nacionais. Por outro lado, para os espumantes importados, registrou-se um decréscimo médio ao redor de 8% ao ano. Nesse contexto, diferentemente do que ocorre com os vinhos finos, para o consumidor brasileiro há uma clara preferência e o predomínio de espumantes nacionais em relação aos importados, que representam menos de 20% desse mercado

Tabela 11. Evolução do comércio de espumantes nacionais e importados no mercado interno do Brasil no período de 2018 a 2022.

Espumante	2018	2019	2020	2021	2022	CP ⁽¹⁾ (%)	CA ⁽²⁾ (%)
	(em 1.000 L)						
Nacional ⁽³⁾ (a)	20.218	24.255	24.611	33.243	31.761	-4,5	13,0
Importado (b)	9.165	6.162	4.948	5.313	6.489	22,1	-8,0
Total (a + b = c)	29.383	30.417	29.559	38.556	38.250	-0,8	–
Participação (b / c)	31,19%	20,26%	16,74%	13,78%	16,96%	–	–

⁽¹⁾ Crescimento no período 2021 a 2022.

⁽²⁾ Taxa de crescimento geométrico anual entre 2018 e 2022.

⁽³⁾ Foram estimados pelos autores 2 milhões de litros de espumantes produzidos nos estados de Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, São Paulo e Santa Catarina.

Fonte: Elaborado a partir de dados do COMEX STAT (2023) e Uvibra (2023).

(Tabela 11). Embora esses dados evidenciem a capacidade competitiva, via relação benefício/custo, dos espumantes brasileiros no mercado interno, o mesmo não se confirma quando a avaliação é feita na perspectiva do mercado internacional, conforme pode-se observar a partir dos dados apresentados na próxima seção deste trabalho.

Balança comercial brasileira

A inserção do Brasil no contexto global do mercado vitivinícola tem como marco referencial a implantação do Plano Real, nos anos 1990. Os impactos causados por tal inserção não se limitaram à apropriação de fatias significativas do mercado interno por parte dos importados, sobretudo do segmento dos vinhos finos, até então ocupadas pela produção nacional. Esse processo trouxe consigo novos elementos referenciais, cujos desdobramentos afetaram o perfil dos consumidores brasileiros quanto aos seus gostos e suas preferências. Nesse novo contexto, novos desafios foram impostos à competitividade da produção vitivinícola nacional. É nesse universo que a análise da balança comercial brasileira ganha relevância, tanto como referência para monitorar a competitividade do país no plano internacional, seja como exportador ou importador, bem como fonte de subsídios para orientar ajustes, melhorias e alinhamentos necessários nas dimensões tecnológicas do setor produtivo e da política pública, que regulamenta e normatiza a produção setorial brasileira.

Com base nas estatísticas apresentadas na Tabela 12, que trazem informações sobre quantidades e valores dos principais produtos vitivinícolas transacionados pelo Brasil em nível internacional, procede-se a uma avaliação interpretativa, objetivando entender os fatores envolvidos e refletir sobre seus impactos na competitividade e no protagonismo do Brasil no mundo globalizado da uva, do vinho e de seus derivados.

Para o segmento de “uvas de mesa” (uvas frescas) direcionadas para o consumo in natura, o Brasil tem se mantido superavitário, tanto nos volumes quanto nos valores envolvidos. Isso porque, entre 2018 e 2022, os superávits das quantidades e dos valores dessa fruta exportada têm crescido a taxas anuais médias de 26,1 e 20,6%, respectivamente. Além disso, no mesmo período, para o preço FOB médio pago por quilograma, enquanto para as uvas exportadas manteve-se praticamente estável, para as uvas importadas registrou-se decréscimo anual médio de 2,3%. Avaliando a relação entre os valores associados às exportações e às importações,

evidencia-se uma tendência de crescimento expressivo no valor pago pelo produto nacional, comparativamente ao importado. Isso porque, se por um lado, a uva brasileira vendida para o exterior tem preço médio (US\$ 2,17, em 2022) quase 50% maior que o da importada (US\$ 1,50, em 2022), a valorização do produto nacional, relativamente ao importado, tem crescido em média 7,6% ao ano. No mesmo sentido, enquanto o volume das exportações tem crescido 10,9% ao ano, as importações registram tendência de queda anual na faixa de 24,5%. Apesar disso, cabe destacar que, enquanto no período 2020 e 2021 registrou-se um aumento nos volumes exportados de 55,6%, no biênio seguinte observou-se comportamento inverso, representado por uma diminuição de 31,4%. Embora envolvendo volumes comercializados menores, o movimento das importações de uva de mesa obedeceu, no sentido inverso, a essa mesma orientação, pois, entre 2020 e 2021, registrou-se uma diminuição dos volumes importados de 26,6% e, de forma compensatória, um aumento de 45,6% entre 2021 e 2022.

De maneira geral, pode-se afirmar que o segmento de uvas de mesa da cadeia produtiva vitivinícola brasileira tem apresentado, nos últimos anos, melhorias significativas na sua capacidade competitiva internacional. Parte expressiva dessas melhorias pode ser atribuída às pesquisas desenvolvidas pela Embrapa, sobretudo para as condições da viticultura tropical. A Embrapa, especialmente por meio da sua Unidade Embrapa Uva e Vinho, vem disponibilizando grande aporte tecnológico ao setor produtivo, com o lançamento de cultivares criadas, especificamente, para atender às diversas condições ambientais do país, como a ‘BRS Vitória’, ‘BRS Isis’, ‘BRS Núbria’ e, mais recentemente, ‘BRS Melodia’, as quais tiveram muito boa aceitação nos mercados interno e externo.

Quando se analisa a balança comercial para o segmento de vinhos, constata-se que é nesse componente que o Brasil possui maiores desafios e dificuldades competitivas para enfrentar a concorrência no mercado interno e se aproximar do equilíbrio nas transações internacionais. Tomando como referência o volume como o indicador que mais facilmente evidencia a disparidade das transações internacionais de vinho brasileiro com o resto do mundo, verifica-se que, em 2022, os volumes exportados pelo Brasil (7,025 milhões de litros) corresponderam a apenas 4,8% dos volumes importados (147,6 milhões de litros), sendo praticamente este o mesmo percentual verificado em 2021. Embora ainda pequena a relação entre vinhos exportados e importados, a mesma tem apresentado tendência

Tabela 12. Evolução da balança comercial brasileira associada com uvas, suco, vinhos e derivados no período de 2018 a 2022.

Discriminação	2018	2019	2020	2021	2022	CP ⁽¹⁾ (%)	CA ⁽²⁾ (%)
	Quantidade ⁽³⁾						
Exportações							
Uva fresca	39.818	47.317	49.228	76.609	52.561	-31,4	10,9
Suco de uva	1.297	1.690	1.338	3.370	4.918	45,9	39,9
Vinho	3.856	3.153	4.410	8.059	7.025	-12,8	23,8
Espumante	348	674	771	935	929	-0,6	25,7
Importações							
Uva fresca	19.100	14.524	7.250	5.321	7.749	45,6	-24,5
Uva passas	23.689	27.808	28.522	25.956	30.015	15,6	4,1
Vinho	109.971	114.175	147.135	154.691	147.600	-4,6	9,3
Espumante	9.166	6.162	4.948	5.313	6.489	22,1	-8,0
Suco de uva	119	13	28	4	2	-50,0	-60,7
Discriminação	2018	2019	2020	2021	2022		
	Valor (em US\$ 1.000 – FOB)						
Exportações							
Uva fresca (a)	88.066	96.063	108.992	159.567	113.920	-28,6	10,8
Suco de uva (b)	2.931	3.652	2.486	6.114	9.397	53,7	32,9
Vinho (c)	7.486	5.935	6.078	9.852	10.945	11,1	13,5
Espumante (d)	1.172	1.771	2.148	2.596	2.865	10,4	24,2
Total (a + b + c + d = e)	99.655	107.421	119.704	178.129	137.127	-23,0	12,1
Importações							
Uva fresca (f)	30.489	22.113	10.434	7.253	11.650	60,6	-26,2
Uva passa (g)	49.747	55.970	42.627	36.318	49.211	35,5	-4,4
Vinho (h)	346.102	343.817	402.693	451.731	431.979	-4,4	7,4
Espumante (i)	29.530	27.796	19.097	24.816	27.789	12,0	-2,3
Suco de uva (j)	132	48	25	4	2	-60,0	-67,7
Total (f + g + h + i + j = k)	456.000	449.744	474.876	520.122	520.631	0,1	4,2
Saldo (e - k)	-356.345	-342.323	-355.172	-341.993	-383.504	-12,1	-

⁽¹⁾ Crescimento no período 2021 e 2022.

⁽²⁾ Taxa de crescimento geométrico anual entre 2018 e 2022.

⁽³⁾ Para uvas frescas e uvas passas, em toneladas (t) e para os demais produtos em 1.000 L.

Fonte: Elaborado a partir de dados do COMEX STAT (2023).

de crescimento importante, pois, entre 2018 e 2022, houve incremento médio anual de 13,3% nessa relação. Quanto aos níveis de preços médios envolvidos nessas transações, repete-se a disparidade, pois, o preço de exportação do litro do vinho brasileiro é muito próximo da metade do preço médio de importação do vinho estrangeiro. Enquanto em 2022 o preço médio do litro do vinho nacional exportado foi de US\$ 1,56, o do produto importado foi de US\$ 2,93, portanto, 87,8% superior.

Dentre os produtos vitivinícolas que compõem a pauta brasileira no comércio internacional, os espumantes, por seu prolapado e comprovado padrão qualitativo e boa relação benefício/custo, são aqueles cujos resultados da balança comercial, até certo ponto, são surpreendentes. Com os predicados acima mencionados, que são elementos referenciais para a competitividade de qualquer produto, seria de se esperar que os volumes exportados pelo Brasil, bem como seus respectivos preços, fossem superiores aos registrados. Entretanto, o fato é que, também os espumantes contribuem para a balança comercial deficitária. Conforme a Tabela 12, em 2022, registrou-se um volume de exportações de 929 mil litros, sendo no mesmo período importados 6,5 milhões de litros. Nesse caso, os volumes exportados corresponderam a apenas 14,3% dos importados. Relativamente aos preços médios envolvidos, também se constata que o produto brasileiro apresenta desvantagens comparativas. Em 2022, enquanto o preço médio do litro do espumante brasileiro exportado foi de US\$ 3,08, o preço correspondente do espumante importado foi de US\$ 4,28, evidenciando que o preço médio do produto nacional exportado foi 28% inferior ao do importado. Em 2020, havia sido registrado similar percentual de diferença (27,8%). Porém, em 2021 a defasagem foi ainda maior, sendo o preço médio de exportação do litro do espumante 40,6% inferior ao do preço médio do correlato importado. Relativamente aos volumes absolutos envolvidos nas exportações e importações de espumantes, no período 2020 a 2022, verificou-se uma tendência de crescimento em ambos os sentidos. As exportações cresceram em torno de 17% e as importações 24%. Esse movimento no sentido crescente dos volumes comercializados no período, provavelmente, foi ocasionado pelo aquecimento da demanda, verificado durante a pandemia da covid-19. Essa mesma tendência é registrada com relação aos níveis de preços, que, em ambos os mercados, apresentaram pequenos acréscimos, com tendência à estabilização.

No segmento de suco de uva, conforme pode ser observado na Tabela 12, o comércio internacional

brasileiro na prática é de “mão única”, sendo que eventuais importações são realizadas em regime de *drawback*, ou seja, o suco importado é incorporado a partidas de suco brasileiro elaborado, especificamente, para anteder demandas externas. Assim, quanto às exportações, o suco de uva tem mantido ao longo dos anos um protagonismo importante, com impacto positivo para o equilíbrio da balança comercial nacional. Entre 2018 e 2022, registraram-se crescimentos médios anuais altamente significativos, tanto nos volumes como nos valores exportados de suco de uva: 39,9 e 32,9%, respectivamente. Entretanto, quanto aos valores envolvidos, registrou-se uma menor taxa de crescimento, tendo em vista que nesse mesmo período os preços nominais pagos pelo suco de uva exportado caíram, em média, 5% ao ano.

No segmento das uvas passas, o Brasil é importador líquido, pois, as condições ambientais das regiões vitícolas, em função, principalmente, dos registros de precipitação pluviométrica, mesmo em condições tropicais, inviabilizam competitivamente o país nesse segmento da cadeia produtiva vitivinícola. Entre 2018 e 2022, observaram-se aumentos anuais médios de 4,1% nos volumes importados de uva passa. Quanto aos preços médios de importação, apesar das oscilações, nesse mesmo período, evidenciou-se tendência de queda: em média de 8,2%, passando de US\$ 2.100,0 por tonelada, em 2018, para US\$ 1.639,5 por tonelada, em 2022.

Consumo aparente

Com relação ao consumo de produtos vitivinícolas no Brasil, registra-se, na Tabela 13, os dados sob a perspectiva do consumo aparente, que é uma variável representativa da demanda interna desses produtos. Isso porque essa variável é calculada a partir da seguinte equação:

$$\text{Consumo Aparente} = \text{Produção} - \text{Exportação} + \text{Importação}$$

Analisando os dados da Tabela 13, pode-se observar que, de maneira geral, no país ainda é baixo o nível de consumo per capita de produtos da cadeia vitivinícola. Isso, de certa forma, poderia ser atribuído ao fato de tratar-se de produtos com certo valor agregado, associado a um país que ainda apresenta grandes problemas de distribuição de renda. Entretanto, por outro lado, há de se considerar que a questão renda parece ter menos impacto sobre o consumo de produtos substitutos, como cervejas e destilados, cujas estatísticas colocam o Brasil entre os principais consumidores mundiais. Portanto,

Tabela 13. Evolução do consumo aparente⁽¹⁾ per capita no Brasil de produtos vitivinícolas de 2018 a 2022.

Produto	2018	2019	2020	2021	2022	CA ⁽²⁾ (%)
Uva de mesa (quilograma por pessoa) ⁽³⁾	3,09	3,22	2,60	2,91	2,63	-4,1
Suco de uva (litro por pessoa)	1,04	1,01	0,89	1,23	1,01	1,5
Vinho (litro por pessoa)	1,87	1,51	1,54	1,86	1,95	2,9
Espumante ⁽⁴⁾	0,15	0,15	0,14	0,19	0,18	7,1
Uva passa (quilograma por pessoa)	0,12	0,14	0,14	0,13	0,15	3,6

⁽¹⁾ Para calcular o consumo aparente dos diversos produtos, foram assumidas algumas pressuposições: a) suco de uva: considerou-se uma produção de 25,2 milhões de litros de suco nos demais estados produtores em 2022 (com taxa de crescimento de 10% ao ano), que foi agregada à produção do Rio Grande do Sul, que responde por quase 90% do suco de uva nacional; b) vinhos: foram estimados 12 milhões de litros para os demais estados produtores em 2022 (com taxa de crescimento de 10% ao ano), que foi agregada à produção do Rio Grande do Sul, que responde por quase 95% do produto nacional; c) espumantes: assumiu-se uma produção adicional de 2 milhões de litros para os demais estados, que foi somada ao volume de espumantes comercializados pelo Rio Grande do Sul, que ainda responde por mais de 90% da produção nacional.

⁽²⁾ Taxa de crescimento geométrico anual entre 2018 e 2022.

⁽³⁾ Para calcular os consumos per capita no país, utilizou-se a estimativa de 203,1 milhões de pessoas, em 2022, e a taxa média de crescimento anual de 0,52% entre 2010 e 2022 (Cabral, 2023); com base nessas duas estatísticas, foram estimadas também as populações brasileiras para os anos de 2018 a 2021.

⁽⁴⁾ Para o caso dos espumantes, tendo em vista que, conforme já explicado na nota da Tabela 7, expressiva parcela dos vinhos finos classificados com “Branco” e “Rosado” constituem bases para espumantes, para calcular o consumo aparente desses produtos, utilizou-se, como base do Rio Grande do Sul, os dados efetivos de comercialização dos mesmos, que, portanto, constituem uma variável representativa muito próxima da variável produção.

pode-se inferir que existe um grande potencial para o crescimento do consumo nacional de produtos do setor vitivinícola.

Apesar de, no geral, ainda ser pequeno o consumo no Brasil, com exceção das uvas de mesa, para os demais produtos constantes na Tabela 13, evidenciam-se, entre 2018 e 2022, crescimentos importantes nas taxas médias anuais de consumo.

Estruturação e bases de dados da vitivinicultura brasileira

A presente publicação inclui pequenos ajustes em relação às publicações disponibilizadas até então, que tratavam de panoramas associados com a vitivinicultura brasileira (ex.: MELLO; MACHADO, 2021, 2022). Os vários ajustes, por exemplo, nas estimativas vinculadas com a distribuição da produção de uvas para consumo in natura e processamento nos diferentes estados do Brasil, buscaram, sobretudo, assegurar maior precisão nas estimativas geradas, ao mesmo tempo que possibilitaram acessar “novas” bases de dados, como a do Sistema de Informações da Área de Vinhos e Bebidas (Sivibe).

Diante de qualquer esforço para caracterizar, estrutural e/ou conjunturalmente, a vitivinicultura brasileira, evidencia-se ainda uma grande carência

de fontes de informações consistentes e atualizadas. Portanto, é necessária e urgente a implantação de mecanismos adequados para a captação, o registro, o processamento e a disponibilização, por parte de órgãos públicos, de informações mais precisas e detalhadas referentes às atividades de produção e comercialização setorial. Nesse sentido, cabe o registro de que se encontra em fase adiantada de implantação em todas as regiões vitícolas brasileiras, por parte do Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa), com o apoio da Embrapa Uva e Vinho, o Sivibe (SIVIBE, 2022).

Com base na legislação Federal (Lei, 7678, de 1988 e Instrução Normativa nº 59, de 2020) (Brasil, 1988; Brasil, 2020), utilizando o referido Sistema, todo o viticultor brasileiro deverá ser cadastrado e entregar anualmente a sua declaração de safra. Além dos aspectos relativos à gestão da política setorial, o Sivibe deverá disponibilizar, a partir de um painel com livre acesso, uma base de dados anualmente atualizada com os registros das áreas implantadas e respectivos volumes de produção vitícola, discriminado por variedades e desagregado por municípios e estados brasileiros. Complementarmente, as análises conjunturais do setor vitivinícola poderão ser enriquecidas à medida que forem obtidas e liberadas outras estatísticas, que envolvem a produção e a comercialização de uvas e seus derivados em todos os estados produtores brasileiros.

Considerações finais

A partir de diversos contatos e observações realizados em diferentes regiões vitícolas do Sul e Sudeste do Brasil, no âmbito da execução do Projeto de Internalização do Cadastro Vitícola Nacional (Sistema Sivibe), tem sido crescente e recorrente o registro, tanto em regiões tradicionais quanto emergentes, de áreas afetadas/prejudicadas pela “deriva” de produtos químicos utilizados para o controle de plantas invasoras em outras culturas agrícolas, como a soja, o milho e a cana-de-açúcar.

Destaca-se ainda que, a organização crescente de programas de enoturismo em polos vitivinícolas tradicionais e emergentes tem gerado um crescimento da demanda por vinhos e suco de uva, porém sem um aumento proporcional de suas respectivas produções locais de uvas para processamento. Subjacente a esse fato, está a questão da crescente exploração imobiliária, que eleva os preços e/ou o “custo de oportunidade” de terras em regiões vitícolas tradicionais e potenciais. Por outro lado, soma-se a isso uma questão ainda mais crítica, que é a disponibilidade de mão de obra habilitada para a execução das atividades e práticas culturais exigidas no processo produtivo da viticultura. Considerando esse contexto, seus atores e circunstâncias, evidenciam-se tendências de dependência crescente por uvas (matéria-prima) e vinho a granel produzidos no Rio Grande do Sul visando ao processamento e/ou envase, tanto neste Estado como em outros territórios vitivinícolas do Brasil.

Relativamente à estrutura e organização do mercado vinícola brasileiro, além da sua complexidade, que envolve atores e conceitos variados (vinho fino nacional, vinho de mesa nacional, vinhos importados de diversas origens e variedades etc.), mantém-se o protagonismo nefasto dos vinhos estrangeiros que entram no território nacional através do mecanismo criminoso do “descaminho”. Esses produtos que, além da concorrência predatória e desleal imposta aos nacionais e importados legalmente, são suspeitos de, em grande parte, conter conteúdo não correspondente às marcas rotuladas nas garrafas.

Por último, mas não menos importante, é a constatação da baixa produtividade vitícola registrada em grande parte dos polos vitivinícolas emergentes localizados em regiões não tradicionais, focados, sobretudo, na produção de uvas para a elaboração de vinhos finos. Prospectiva e preliminarmente, parece haver uma lacuna relevante de conhecimento relativamente às condições ambientais/edafoclimáticas, bem como quanto à disponibilidade local de

assistência técnica e mão de obra qualificada para atuar na viticultura desses polos.

Referências

- BRASIL. Instrução Normativa nº 59, de 23 de outubro de 2020. Institui, no âmbito do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, o Sistema de Informação de Vinhos e Bebidas — Sivibe. **Diário Oficial da União**: seção 1, n. 206, p. 12, 27 out. 2020.
- BRASIL. Lei nº 7.678, de 8 de Novembro de 1988. Dispõe sobre a produção, circulação e comercialização do vinho e derivados da uva e do vinho, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, p. 21561, 9 nov. 1988.
- CABRAL, U. **De 2010 a 2022, população brasileira cresce 6,5% e chega a 203,1 milhões**. Rio de Janeiro: Agência IBGE notícias, 27 out. 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37237-de-2010-a-2022-populacao-brasileira-cresce-6-5-e-chega-a-203-1-milhoes>. Acesso em: 12 nov. 2023.
- CEAGESP. Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo. **Cotações – Preços no Atacado**. Disponível em: <https://ceagesp.gov.br/cotacoes/>. Acesso em: 13 jul. 2022.
- CEAGESP. Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo. **Cotações – Preços no Atacado**. Disponível em: <https://ceagesp.gov.br/cotacoes/>. Acesso em: 15 ago. 2023.
- COMEX STAT. **Exportação e Importação**: dados gerais. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral>. Acesso em: 15 ago. 2023.
- IBGE. Sistema IBGE de Recuperação Automática – SIDRA. **Produção Agrícola Municipal**: tabela 1613 — área destinada à colheita, área colhida, quantidade produzida, rendimento médio e valor da produção das lavouras permanentes. [Brasil, 2022]. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/1613>. Acesso em: 12 nov. 2023.
- MARQUES, M. L.; SILVA, M. C. da; CAMARGO, D. M. de. Análise geoespacial no mapeamento da vulnerabilidade socioambiental em Campinas, SP. **Revista Brasileira de Cartografia**, v. 69, n. 9, p.1857-1870. nov./dez. 2017. DOI: <https://doi.org/10.14393/rbcv69n9-44081>.
- MELLO, L. M. R. de.; MACHADO, C. A. E. **Vitivinicultura brasileira**: panorama 2020. Bento Gonçalves: Embrapa Uva e Vinho, 2021. 18 p. (Embrapa Uva e Vinho. Comunicado técnico, 223). Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/227610/1/ComTec-223-21.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2023.

MELLO, L. M. R. de.; MACHADO, C. A. E.
Vitivinicultura brasileira: panorama 2021. Bento Gonçalves: Embrapa Uva e Vinho, 2022. 17 p. (Embrapa Uva e Vinho. Comunicado técnico, 226). Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/doc/1149674/1/Com-Tec-226.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2023.

SIVIBE. Sistema de Informações da Área de Vinhos e Bebidas. Disponível em: <https://sistemasweb.agricultura.gov.br/pages/SIVIBE.html>. Acesso em: 12 maio 2022.

TONIETTO, J.; PEREIRA, G. E. A concept for the viticulture of 'tropical wines'. In: CONGRES DES TERROIRS VITIVINICOLES, 9., 2012, Bourgogne, Champagne. **Actes...** [S.l.: s.n.], 2012. v. 1, p. 34-37. Session 2. Disponível em: <http://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/handle/doc/927777>. Acesso em: 15 ago. 2023.

UVIBRA. União Brasileira de Vitivinicultura. **Estatísticas do Setor Vitivinícola do Estado do Rio Grande do Sul.** Disponível em: < <http://www.uvibra.com.br/home>>. Acesso em : 04 set. 2023.

Embrapa Uva e Vinho

Rua Livramento, nº 515
Caixa Postal 130
95701-008 Bento Gonçalves, RS
www.embrapa.br/uva-e-vinho
www.embrapa.br/fale-conosco/sac

Comitê Local de Publicações

Presidente: *Henrique Pessoa dos Santos*

Secretária-executiva: *Renata Gava*

Membros: *Edgardo Aquiles Prado Perez, Fernando José Hawerth, Mauro Celso Zanus, Joelsio José Lazzarotto, Jorge Tonietto, Rochelle Martins Alvorcem e Thor Vinícius Martins Fajardo*

Comunicado Técnico 233

ISSN 1516-8093 / e-ISSN 1808-6802
Setembro, 2024

Revisão de texto: *Renata Gava*

Normalização bibliográfica: *Rochelle Martins Alvorcem* (CRB-10/1810)

Projeto gráfico: *Leandro Sousa Fazio*

Diagramação: *Renata Gava*

Publicação digital: PDF



Ministério da
Agricultura e Pecuária

Todos os direitos reservados à Embrapa.